



COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO
LACES E DESENLACES
VOL. I

 **Atena** Editora

2018

Atena Editora

Comunicação e Educação
Laces e Desenlaces
Vol. I

2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Edição de Arte e Capa: Geraldo Alves

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C741 Comunicação e educação [recurso eletrônico] : laces e desenlaces /
Organização Atena Editora. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora,
2018.
335 p. : 11.673 kbytes – (Comunicação e Educação; v. 1)

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 9788593243912
DOI 10.22533/at.ed.912181605

1. Comunicação. 2. Comunicação na educação. 3. Educação.
I. Título. II. Série.

CDD 370.14

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo do livro e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

E-mail: contato@atenaeditora.com.br

Sumário

CAPÍTULO 1 A COMUNICAÇÃO COMO MERCADORIA: UMA DISCUSSÃO SOBRE O MERCADO DA MÍDIA E A DEMOCRACIA	5
<i>Cristine Rahmeier Marquette</i>	
CAPÍTULO 2 A COMUNICAÇÃO CRISTÃ ATRAVÉS DA MÚSICA: SUA RELAÇÃO COM AS TRANSFORMAÇÕES SOCIOCULTURAIS E A IDENTIDADE DO NOVO MOVIMENTO PÓS-GOSPEL.....	15
<i>Isabelle Loureiro Tavares</i>	
<i>Mirian Martins da Motta Magalhães</i>	
CAPÍTULO 3 A GREVE GERAL DE 1917 PELA EBC: UMA REFLEXÃO SOBRE O IMAGINÁRIO NA COBERTURA DA ESTATAL DE COMUNICAÇÃO BRASILEIRA A UM DOS EVENTOS MAIS MARCANTES DA HISTÓRIA	30
<i>Tarcis Prado Junior</i>	
<i>Moises Cardoso</i>	
<i>Franco Iacomini Junior</i>	
<i>Antonio Carlos Persegani Florenzano</i>	
<i>Patricia de Andrade</i>	
CAPÍTULO 4 A PESQUISA EM COMUNICAÇÃO E DESENVOLVIMENTO: 40 ANOS DE TRAJETÓRIA NA INTERCOM	44
<i>Maria Salett Tauk Santos²</i>	
CAPÍTULO 5 A VELOCIDADE NA COMUNICAÇÃO: QUESTÕES DE EMISSÃO E RECEPÇÃO NA SOCIEDADE DA CIBERCULTURA.....	54
<i>Dirceu Martins Alves</i>	
CAPÍTULO 6 AS ORGANIZAÇÕES COMO ESTRUTURAS DE INTERAÇÃO COMUNICATIVA	68
<i>Selma Regina Ramalho Conte</i>	
CAPÍTULO 7 ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO COMO EIXO ESTRATÉGICO NO ÂMBITO EMPRESARIAL: APONTAMENTOS INICIAIS PARA UM PLANO DE COMUNICAÇÃO INTEGRADA NA UNIMED AGRESTE MERIDIONAL.....	81
<i>Tárcila Driely de Souza Cabral</i>	
<i>Ingrid Andressa de Almeida Querino Azevedo</i>	

CAPÍTULO 8 | CENSURA X LIBERDADE DE EXPRESSÃO: A COBERTURA DO JORNAL O ESTADO DE S. PAULO EM CENÁRIOS DE CORRUPÇÃO POLÍTICA..... 92

Carla Montuori Fernandes

Genira Correia Chagas

Márcio Bico

CAPÍTULO 9 | CENTRO HISTÓRICO DE CUIABÁ COMO ACONTECIMENTO: PATRIMÔNIO DE QUÊ, PRA QUEM? 107

Fernanda Safira Soares Campos

Heloisa de Lima Gomes

Leonardo Rodrigues Corrêa

Pedro Pinto de Oliveira

CAPÍTULO 10 | CULTURA COMPARTILHADA EM COMUNIDADES VIRTUAIS: CONVERSAS SOBRE O VEGANISMO 119

Karime KAMEL

CAPÍTULO 11 | ESTRATÉGIAS COMUNICACIONAIS PARA SOLUÇÕES DE TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO APLICADAS À ADEQUAÇÃO DA PAISAGEM RURAL AO CÓDIGO FLORESTAL BRASILEIRO..... 134

Márcia Izabel Fugisawa Souza

Tércia Zavaglia Torres

Nadir Rodrigues Pereira

João dos Santos Vila da Silva

Daniel Rodrigo de Freitas Apolinário

CAPÍTULO 12 | MARKETING DE RELACIONAMENTO COMO FERRAMENTA DE RETENÇÃO DE CLIENTES: ESTUDO DE PROGRAMAS DE FIDELIDADE DE JORNAIS BRASILEIROS..... 149

Guaracy Carlos da Silveira

Fernando Augusto Carvalho Dineli da Costa

CAPÍTULO 13 | TEORIA CRÍTICA E COMUNICAÇÃO NA ERA DIGITAL: CONTRIBUIÇÕES DO MARXISMO PARA A CONDIÇÃO MUDIÁTICA CONTEMPORÂNEA1..... 162

Tarcísio de Sá Cardoso

Jenifer Santos Souza

CAPÍTULO 14 | A REPRESENTAÇÃO DA MÍDIA JORNALÍSTICA NA GRAPHIC NOVEL “PÉRSEPOLIS” 176

Ana Beatriz Leite de Souza

Diego dos Santos Barbosa

CAPÍTULO 15 ENQUADRAMENTOS E CONSTRUÇÕES DA REALIDADE: A ANÁLISE COMPARATIVA DA COBERTURA DAS MANIFESTAÇÕES DE 2013 E 2015 NA REVISTA VEJA.....	189
<i>Christinny Matos Garibaldi Pires</i>	
CAPÍTULO 16 GUERRA E FOTOJORNALISMO: UMA ANÁLISE DA IMPORTÂNCIA DA REVISTA REALIDADE NA COBERTURA DA GUERRA DO VIETNÃ.....	203
<i>Verônica Scheifer</i>	
<i>Carlos Alberto de Souza</i>	
CAPÍTULO 17 JORNALISMO DE VIAGEM: NARRATIVAS AUDIOVISUAIS DIGITAIS NO JORNALISMO ESPECIALIZADO DE TURISMO E A AUDIÊNCIA NO FACEBOOK	214
<i>Laíz SILVEIRA</i>	
<i>Valdecir BECKER</i>	
CAPÍTULO 18 LIVRO-REPORTAGEM MEMÓRIAS DE FOGO E DE DOR.....	227
<i>Tatiane Milani</i>	
<i>Rubia Steffens</i>	
<i>Luciane Volpatto Rodrigues</i>	
<i>Tatiane Dos Santos Pacheco</i>	
<i>Alessandra Francieli Weiler</i>	
CAPÍTULO 19 O INVERNO NO PAÍS DO VERÃO: UMA ANÁLISE SOBRE TELEJORNALISMO E APROPRIAÇÕES DOS ESPAÇOS URBANOS	234
<i>Ana Carolina Rocha Pessoa TEMER²</i>	
CAPÍTULO 20 O JORNALISMO PERITO E A DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA NA REVISTA CIÊNCIA HOJE DAS CRIANÇAS	249
<i>Doraci Masiero Jacobus</i>	
CAPÍTULO 21 O NOVO MODELO DE COMUNICAÇÃO NO JORNALISMO PÓS INDUSTRIAL: CASE CATRACA LIVRE	263
<i>Luiza Teixeira do Nascimento</i>	
<i>Rhanica Evelise Toledo Coutinho</i>	
CAPÍTULO 22 O PERFIL INOVADOR DAS TRÊS ÁREAS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL (JORNALISMO, PUBLICIDADE E PROPAGANDA E RELAÇÕES PÚBLICAS).....	276
<i>Aniele Uhlmann Spinosa</i>	
<i>Daniele Iachecen</i>	
<i>Kelly Balbino</i>	

CAPÍTULO 23 | OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA (1998-2016): O FIM DO DEBATE CRÍTICO
SOBRE O JORNALISMO BRASILEIRO NA TV PÚBLICA**290**

Lilian Saback de Sá Moraes

CAPÍTULO 24 | QUAL A LINHA EDITORIAL E POLÍTICA DOS COMUNICADORES MAIS
INFLUENTES NAS REDES SOCIAIS? UMA ANÁLISE DA COBERTURA DA VOTAÇÃO DO
IMPEACHMENT DA PRESIDENTA DILMA ROUSSEFF **301**

Maíra BITTENCOURT

César MAIA

CAPÍTULO 25 | RECONFIGURAÇÃO MIDIÁTICA SEGUNDO CONCEITOS DE
CONVERGÊNCIA TECNOLÓGICA: CONSIDERAÇÕES SOBRE ESTADÃO.COM.BR E
HUFFPOST BRASIL.....**315**

Jonas Gonçalves

Edson Capoano

SOBRE OS AUTORES**327**

GUERRA E FOTOJORNALISMO: UMA ANÁLISE DA IMPORTÂNCIA DA REVISTA REALIDADE NA COBERTURA DA GUERRA DO VIETNÃ

Verônica Scheifer¹

Carlos Alberto de Souza²

Universidade Estadual de
Ponta Grossa, Ponta Grossa, PR

RESUMO: A Guerra do Vietnã teve forte influência da imprensa, que difundia informações quase que ao mesmo tempo em que acontecia o conflito na Ásia. No Brasil, a revista Realidade, dentre outros meios de comunicação, fez importante cobertura daqueles momentos, enviando correspondentes diretamente para a guerra. A análise da cobertura desta da revista tem por objetivo levantar as grandes reportagens feitas pela Realidade e o tratamento dado ao texto e as imagens, com ênfase ao fotojornalismo. Para desenvolver o trabalho, recorreu-se a Análise de Conteúdo e Jornalística, por meio de abordagem qualitativa, envolveu investigação textual e fotográfica, apoiada em teóricos no jornalismo.

PALAVRAS-CHAVE: Realidade; Vietnã; Fotojornalismo; Cobertura Jornalística.

¹ Estudante de Graduação 3º ano do Curso de Jornalismo da UEPG, email: veronicascheifer@hotmail.com

² Professor do Curso de Jornalismo da UEPG, mestre em comunicação pela UFRGS e doutor em Ciências Humanas pela UFSC (Interdisciplinar), orientador. email: carlossouza2013@hotmail.com

Introdução

A revista Realidade se constituiu como importante veículo para o jornalismo brasileiro por meio de suas grandes reportagens, temas diferenciados e design gráfico. Ela se consagrou no cenário nacional pelo rigor de suas reportagens, pelo processo de apuração jornalística e pelo investimento que fazia no fotojornalismo. Iniciando como meio alternativo e dando espaço ao New Journalism, a revista dedicou grande parte das suas coberturas a temas internacionais, como foi a Guerra do Vietnã. Além da cobertura jornalística aprofundada de assuntos como analfabetismo, fome, drogas, violência, sexo, em suas matérias, a fotografia assumia um papel decisivo, especialmente naquele momento histórico que colocava em confronto americanos e vietnamitas. A exemplo de outras nações, o Brasil tinha interesse no que acontecia no Vietnã e por isso, alguns veículos impressos dedicaram atenção ao conflito, pois o leitor queria saber o que acontecia no front e a fotografia, neste caso, teve um papel fundamental.

O jornalismo durante as guerras tem um papel decisivo para o público. Nesses momentos, as pessoas querem saber o que está acontecendo, o que provocou a guerra, que armas estão usando. Há necessidade de se compreender o fenômeno e o jornalista tem o dever de esclarecer os fatos, mostrar a realidade, descrever conflitos, inclusive contabilizar as baixas, mortes nos campos de batalha. Ao longo da história, o jornalismo de guerra passou por diversos momentos, inclusive teve que enfrentar ou se sujeitar a censura, como foi no caso das Guerras do Afeganistão e Iraque, com muitas censuras impostas pelos militares que comandavam a guerra ou pelos próprios governos. A Guerra do Vietnã tem grande importância por ter sido o último conflito em que se teve liberdade de imprensa. A cobertura da imprensa americana e de outros países ajudou a mobilizar a opinião pública nos Estados Unidos contra a guerra. Este fato foi determinante aos militares para se repensar os esquemas de cobertura jornalística da guerra. Hoje, o jornalista não tem mais liberdade para noticiar. Tudo que ele ou seu jornal publica passa pelo crivo da censura.

Fotojornalismo na Guerra

A fotografia sempre teve um papel importante na sociedade, especialmente durante a guerra. Por meio deste campo, procura-se mostrar acontecimentos cotidianos e extraordinários que nem todas as pessoas teriam condições de saber, se não fosse os Meios de Comunicação de Massa. Na cobertura de conflitos bélicos, além do texto, a fotografia tem papel preponderante. Por meio de imagens, as pessoas se informam e tomam conhecimento quase que imediatamente, em razão da Internet e das redes sociais, do que acontece no mundo. No jornalismo, a imagem assume novas potências e significados, graças ao sentido (impresso-digital) proposto pelo

fotojornalista, por meio da seleção e recorte que dá a cena, do ângulo que evidencia detalhes, da proposta de mostrar o que se pretende ocultar. O fotojornalista faz escolhas para retratar a realidade e para, ao mesmo tempo, atender os leitores, espectadores, internautas. Como observa Bahia, a palavra fotografia no jornalismo quer dizer mais do que uma fotografia feita com câmera. É algo que, em suas palavras “vale mais do que mil palavras” (BAHIA, 1990, p. 129).

O fotojornalismo vai além do simples recorte o real. A fotografia cria histórias e dá sentido às cenas capturadas pela câmera fotográfica, onde busca mostrar um recorte do real de forma fiel a realidade por trás do quadro capturado, como observa Dubois:

Em toda reflexão sobre um meio qualquer de expressão deve se colocar a questão fundamental da relação específica existente entre o referente externo e a mensagem produzida por esse meio. Trata-se das questões dos modos de representação do real ou, se quisermos, da questão do realismo. [...] Existe uma espécie de consenso de princípio que pretende que o verdadeiro documento fotográfico ‘presta contas do mundo com fidelidade’. Foi-lhe atribuída uma credibilidade, um peso de real bem singular. (DUBOIS, 1994, p. 25)

As guerras representam também o valor notícia importante no jornalismo e por isso sempre atraíram a atenção da mídia. Na área impressa, o texto e imagem andam juntos, são complementares, um alimenta o outro. Por isso, é impensável a cobertura de guerra sem imagem. Como mostra Santos (2015, p. 251) o fotojornalismo se “desenvolveu mais proeminentemente durante as guerras, uma vez que a cobertura fotográfica é mais rápida, crível e sensibilizante do que qualquer relato de repórter ou informações frias impressas em um jornal.”

Para o fotojornalismo de guerra, o repórter tem também um papel importante pois tem o compromisso que retratar os acontecimentos com ética e verdade. Bahia (1990, p. 139) explica que “o repórter fotográfico deve ser profissional, frio, humano. E também um artesão, apesar de não considerar seu trabalho arte e sim notícia. Sobretudo o trabalho que oferece uma única oportunidade de ser feito”.

Além do compromisso de noticiar, retratar de fato aquilo que aconteceu, naquele momento da história, cabe ao fotojornalismo outros papéis, já que propõe pela fotografia evidenciar sentimentos humanos e sofrimentos nos campos de batalha, mostrar a dor das pessoas durante o período de confronto militar, como forma de chamar a atenção da opinião pública, políticos, líderes governamentais e religiosos.

Além disso, as tomadas de decisões do fotógrafo devem ser de maneira objetiva e rápidas, já que levam em consideração o momento do fato ou acontecimento. Bahia (1990, p. 139) observa que o “principal objetivo de um fotógrafo deve ser o mesmo do repórter: reduzir ao mínimo o tempo entre o fato e a publicação. Dinâmica, a fotografia jornalística segue as mesmas regras de tempo que pesam sobre a notícia.

É feita com muita pressa e com objetividade”.

No fotojornalismo de guerra, todas as decisões tomadas pelo fotógrafo devem seguir esse sentido. É preciso ter compromisso com o tempo em que a informação chegará até as pessoas e também com a questão ética.

Compor uma imagem no calor de determinadas situações também não é fácil. Os fotojornalistas trabalham com base numa linguagem de instantes, procurando condensar num ou em vários instantes, “congelados” nas imagens fotográficas, toda a essência de um acontecimento e o seu significado. (SOUSA, 2004, p. 13).

A função do repórter fotográfico e dos correspondentes de guerra é, no calor do conflito, mostrar o que de fato acontecia naquele momento, por meio de recortes da realidade, diversos olhares e pontos de vista. No Brasil, diversos veículos mandaram correspondentes para os conflitos que ocorreram pelo mundo ao longo da história. Conforme Orgier, Goyzueta (2003, p. 11), “foi assim que surgiu a ideia de pôr o conflito na mira do nosso olhar de correspondentes, de jornalistas que tentam explicar uma cultura para estrangeiros”.

O olhar do fotógrafo muitas vezes procura evidenciar o outro lado da guerra, o sofrimento que ela traz e os sentimentos que libera, por meio de decisões tomadas no calor do momento. Cviic (2003, p. 17) aborda um pouco esta questão, no momento que explica que “o primeiro problema em tentar ser objetivo durante uma guerra é ter acesso às fontes e enxergar as situações dos dois lados” Lembra que muitos dos conflitos foram pautados pela mídia e por suas concepções de mundo. Sendo assim é importante que o fotógrafo/jornalista tenha liberdade para visualizar todos os aspetos presentes no confronto e não seja apenas induzido para relatar certos pontos já estabelecidos do acontecimento. É necessário que tenha acesso as mais diversificadas informações para trazer narrativas jornalísticas que expliquem de forma mais precisa e de certa forma justa, dar voz para todos os atores sociais/ personagens envolvidos.

Guerra do Vietnã (1955-1975)

A Guerra do Vietnã durou cerca de vinte anos, conflito que matou milhares de pessoas, civis e militares. Foi considerado como um dos conflitos mais sangrentos da história e a data de seu início é marcada por polêmicas.

Alguns autores levam em conta toda a conturbação política ocorrida no país asiático, trazendo as primeiras ações de guerra para o ano de 1955. Entretanto, podemos considerar a data de início como aquela onde o primeiro disparo foi dado, levando o fato histórico para o ano de 1959. (MESKO, GIROLETI, HOFFELDER, 2015, p.1)

O conflito foi gerado por desavenças entre o Vietnã do Norte, governado por Ho Chin Minh e o Vietnã do Sul que era governado por Ngo Dinh Diem, ambos tinham sistemas econômicos e sociais distintos, sendo o do Norte guiado pelo socialismo e o do Sul pelo capitalismo.

As diferenças políticas foi um dos principais motivos para o início da guerra, conforme Mesko, Giroletti, Hoffelder (2015, p. 5). “A imposição americana de seu sistema capitalista sobre o comunista através de uma ditadura foi o estopim para o início da Guerra [...] em 1959.”

Um dos fatores decisivos para mudar os rumos dessa guerra foi a cobertura feita pela mídia, que começou a mostrar faces nunca vistas dos campos de batalha. Segundo Biagi (1996, p. 105) a Guerra do Vietnã, ficou famosa “pela presença de sons e imagens, e as representações sobre ela foram afetadas por essas características”.

A mídia teve acesso livre ao conflito, podendo mostrar, por meio de imagens, as atrocidades, a dor, o sofrimento e a morte de soldados. Este fato foi responsável pelas mudanças no relacionamento dos militares com os jornalistas nos conflitos subsequentes, a exemplo do que aconteceu no Iraque e Afeganistão. A atuação dos profissionais da mídia passou a ser monitorada de perto pelo comando do Exército, que nesses momentos, passa a filtrar a informação que pode ou não ser divulgada pelos Meios de Comunicação de Massa. A empresa interessada em divulgar as guerras hoje têm que se sujeitar as regras militares e publicar só o que é permitido e que não compromete as estratégias de guerra ou mesmo coloque a opinião pública contra a ação. Ou seja, a partir da guerra do Vietnã, muda a forma de cobertura das guerras. Como aponta Hallin (1986 apud Sousa, 2004, p. 24), referindo-se ao Vietnã, “com menos censura, algumas das fotos publicadas na imprensa ocidental, mormente na norte-americana, em conjunto com a TV, serviram para criar no Ocidente correntes de opinião contrárias à guerra”. Este fato, foi o que motivou os militares a mudar as regras sobre a cobertura jornalística de conflitos bélicos, sabendo que guerra noticiada, como já apontaram alguns teóricos do jornalismo, é ‘guerra perdida.’

As opiniões contrárias à guerra vieram de diversas partes do mundo, gerando protestos em todos os lugares, após as pessoas verem soldados e o sofrimento de pessoas como estava acontecendo; um massacre sangrento. Segundo Mesko, Giroletti, Hoffelder (2015, p. 8) “outro fator decisivo para a onda de protestos foi a cobertura televisiva durante o conflito. Era a primeira vez na história que população mundial tinha a oportunidade de ver os combates nas linhas de frente, explicitando a brutalidade da guerra”

A fotografia mostra papel importante nos conflitos armados. Ela é de fácil ‘leitura’ e pode ser facilmente compreendida em qualquer cultura, por qualquer pessoa em qualquer parte do mundo, no momento em que é vista, causando muito impacto no público. Queiroz (2000, p. 69) observa que o trunfo de uma foto é que ela pode ser compreendida sem o uso de palavras ou texto. É compreendida por

qualquer pessoa. “Tem mais impacto. Sua capacidade de comover, de fazer pensar, é mais instantânea do que a da linguagem escrita”.

Sendo assim, o fotojornalismo de guerra no Vietnã foi importante e significativo para as decisões e manifestos que aconteceram em todo o mundo com vistas a impedir o prosseguimento do conflito, que ceifara milhares de vida. As famílias foram para a rua gritar palavras de ordem e o governo americano, que estava em desvantagem na guerra, teve que ceder às pressões populares e retirar seus do campo de batalha.

Diversos fotojornalistas iniciaram a profissão nesse período quando se tinha liberdade de imprensa para divulgar os fatos. Como declara Sousa (2004, p. 25) “a Guerra do Vietname, de ‘livre acesso’, talvez a última ocasião de glória do fotojornalismo, faz nascer vocações.” Esse foi um dos primeiros e últimos momentos onde a liberdade de imprensa esteve presente durante conflitos que ocorreram na história. Mesko, Giroletti, Hoffelder enfatizam:

É a primeira vez na história mundial que as imagens de um conflito armado são transmitidas ao redor do globo quase que de forma instantânea. Aqueles que durante vários anos estavam acostumados a esconder o que de fato acontecia em uma guerra através de simples mentiras, foram pegos de surpresa por este bombardeio de informações. (MESKO, GIROLETI, HOFFELDER, 2015, p. 9)

Com a liberdade de imprensa dos meios de comunicação e também dos jornalistas, as coberturas de guerra adquirem uma característica importante para com o público: a mobilização da opinião pública. É através da riqueza de informações e de fontes que contribui com um jornalismo preciso e verídico que se faça de instrumento para que os leitores possam refletir e construir a verdade que aconteceu no local.

Revista Realidade (1966-1976)

A Revista Realidade, criada pela Editora Abril, caracteriza-se como uma revista alternativa e inovadora, em razão de difundir conteúdos com temas atuais e inusitados, design gráfico elaborado, presença da fotografia e grandes reportagens, utilizando-se de uma linguagem mais próxima da escrita literária, como afirma Tozetto:

A *Realidade* é considerada um ícone na área impressa e no fotojornalismo e, por isso, é importante compreender o legado que deixou às futuras gerações de jornalistas. A revista, além de valorizar o gênero reportagem, passou a dar destaque a fotografia com elemento informativo de igual importância ao texto. A contribuição que ela deu sociedade e ao campo jornalístico é reconhecida no Brasil e no exterior, pela inovação linguagem e no modo fazer jornalismo. (TOZETTO, 2015, p. 17)

As revistas no Brasil tiveram um papel importante em relação a difusão de informação, já que pela sua periodicidade ser mais demorada, era possível propor temas, que poderiam ser mais aprofundados e com textos mais elaborados. Segundo Scalzo (2003, p. 14) “as revistas vieram para ajudar na complementação da educação, o aprofundamento de assuntos, na segmentação, no serviço utilitário que podem oferecer a seus leitores. Revista une e funde entretenimento, educação, serviço e interpretação dos acontecimentos”

No caso da Realidade, além do conteúdo ser mais elaborado, utilizava-se da fotografia e optava-se por textos e grandes reportagens mais criativas, inspiradas no *New Journalism*. Como mostra Lima:

No *New Journalism*, há a possibilidade do escritor tornar o fato ocorrido mais atraente aos olhos dos leitores. A narração, que geralmente, é em terceira pessoa faz com que quem está lendo também experimente sensações e, até mesmo, se identifique com algum personagem. (LIMA, 2016, p. 13)

Por meio de **técnica** textuais e jornalísticas mais criativas, a Realidade colocava seus temas e dava aos textos um caráter mais literário, buscando por meio do *New Journalism* atrair o leitor com seus temas inusitados, dando ao mesmo tempo espaços a reportagens sobre o cotidiano, educação, esporte, política.

A fotografia também teve papel importante para revista, mostrando em diversas vezes as suas páginas repletas de fotos e quase que sem textos, apenas com legendas, mostrando que as imagens poderiam falar mais do que as palavras. Como confirma Sousa:

A fotografia jornalísticas ganhou força, ultrapassando o caráter meramente ilustrativo-decorativo a que ainda era geralmente voltado. O fotojornalismo de autor tornou-se referência obrigatória. Pela primeira vez, privilegia-se a imagem em detrimento do texto, que surge como um complemento, por vezes reduzido a pequenas legendas. (SOUSA, 2004, p. 69)

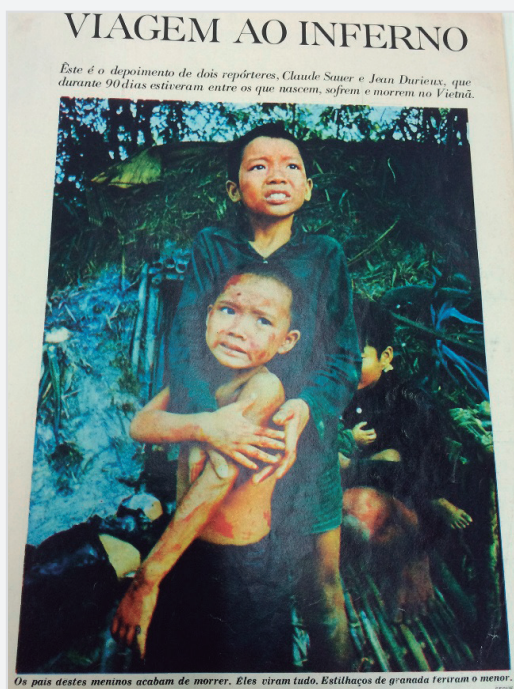
As fotografias da Realidade eram sempre chamativas e buscavam trazer emoção aos seus leitores, despertando sentimentos através do recorte proposto na imagem que era mostrada nas páginas, como também as capas repletas de temas que para a época eram vistos como tabu.

Figura 1 – Edição polêmica de julho de 1968



Legenda: As capas da Realidade eram em sua grande maioria; polêmicas. Fonte: A autora.

Figura 2 – Vítimas da guerra



Legenda: As imagens eram carregadas de sentimentos e interpretações. Fonte: A autora.

A cobertura da Realidade na Guerra do Vietnã

Uma das principais coberturas da Realidade foi a Guerra do Vietnã, no início a revista não reservava tanto o foco no conflito. Suas reportagens destinadas ao tema apareciam apenas em sua editoria “Internacional”. Com o tempo, a guerra começa a ganhar maior destaque nas páginas do periódico. Biagi procura caracterizar a revista, no texto a seguir: “a revista Realidade, que buscava a vivência da reportagem, teria muito mais vivência do que sua linha editorial poderia suportar. A temática da guerra era pouco explorada pela revista até 1967, mas cresceria assustadoramente em 1968”. Biagi (1996, p. 150-151)

A realidade mudou sua editoria “Internacional” para “Guerra” e “Vietnam”. Essa mudança editorial mostra uma mudança de estratégia, passa a adotar manchete sobre o tema em sua capa e utiliza-se de títulos mais chamativos para atrair a atenção dos leitores. A fotografia é outro recurso utilizado pelos editores para chamar o público. Elas eram estampadas em quase todas as páginas da revista.

Nesse período, as fotografias de guerra começam a ganhar mais espaço, procurando mostrar o campo de batalha, as ações militares, as conquistas, as mortes e a dor vivenciada pelos militares e população. A revista chegou a enviar um correspondente para a área de conflito. Como mostra Biagi:

No fim de 1967, a revista recebeu proposta da Embaixada dos Estados Unidos para enviar um correspondente de guerra ao Vietnã, pagando, inclusive, as despesas. A revista recusou a oferta e decidiu enviar um correspondente financiado por ela própria, para ter maior liberdade de cobertura. (BIAGI, 1996, p. 151)

A decisão tomada pela Revista mostrou um papel importante quanto a ética jornalística e o compromisso com a verdade dos jornalistas, já que como era falado

na época, os fotógrafos que foram por conta própria obtiveram liberdade no local, diferente dos que foram por meio dos governos.

O jornalista escolhido pela revista foi José Hamilton Ribeiro, que é atualmente um dos jornalistas mais reconhecidos no Brasil. Conquistou muitos prêmios. Ele foi o responsável por grandes reportagens na época, mostrando o que acontecia no *Front*. Inclusive, ele foi uma das vítimas dessa guerra, quando perdeu uma de suas pernas em um campo minado.

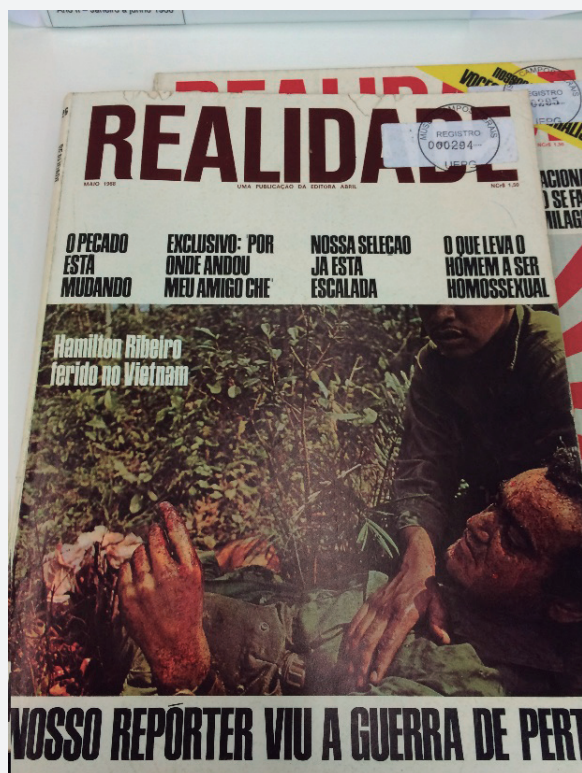
A foto de Hamilton Ribeiro, tirada pelo fotógrafo japonês que tanto queria algo espetacular, ganhava a capa da revista Realidade. O drama particular do correspondente brasileiro, que perdeu uma parte da perna, e suas condições nos hospitais de DaNang e nos Estados Unidos, tornaram-se a grande notícia da guerra no Brasil, recebendo cobertura, inclusive, de outros meios. (BIAGI, 1996, p. 152)

Esse acontecimento se tornou inesquecível para o mundo jornalístico e José Hamilton passou a ser muito respeitado no meio jornalístico por suas coberturas de guerra. Ele chegou a escrever um livro sobre a Guerra no Vietnã, “O Gosto da Guerra”, publicado em 1969. Acabou ganhando o Prêmio Esso em categoria jornalismo individual.

As edições seguintes, após o acidente com José Hamilton, foram repletas de fotos e relatos do que havia acontecido no campo de guerra, grandes textos no formato *New Journalism* ajudava a contar o episódio da guerra e a fazer o leitor sentir como é viver na guerra. Como afirma Vilches (1987 apud SOUSA, 2004, p. 13) a fotografia ajuda muito a dar sentido a um acontecimento. Ele explica: “uma imagem fotojornalística, para ter sucesso, geralmente precisa juntar a força noticiosa à força visual. Só assim consegue, no contexto da imprensa, juntar uma impressão da realidade a uma impressão de verdade”.

Portanto, as fotografias da revista eram a respeito de momentos que mostravam a face e a dor das pessoas que viviam em meio as batalhas armadas. Boa parte delas eram grandes e ocupavam quase duas páginas, como foi o caso da reportagem “Eu estive na guerra”, feita por José Hamilton. Muitas vezes ocupavam várias páginas, demonstrando a busca do fotógrafo em impactar através de seu *click*. Maciel e Boni (2006, p.

Figura 3 – A capa da edição de maio de 1968 estampou a tragédia ocorrida com José Hamilton



Legenda: As reportagens dessa edição mostravam toda a trajetória do fotógrafo. Fonte: A autora.

95) observam que “para o fotógrafo de guerra, a morte muitas vezes é o início. É um dos fios condutores e motivadores de seu trabalho, na busca incessante pela imagem única”.

A importância da cobertura fotográfica feita pela Revista Realidade merece destaque pelo fato do papel que o periódico deu ao acontecimento e a importância da cobertura no contexto jornalístico brasileiro da época. Por meio de suas grandes reportagens, com destaque para a fotografia, foi possível proporcionar ao leitor uma maior interpretação dos fatos ocorridos durante a guerra. Segundo Sontag (2003, p. 12) “as fotos são meios de tornar ‘real’ (ou mais real) assuntos que as pessoas socialmente privilegiadas, ou completamente em segurança, talvez preferissem ignorar”.

As manchetes relacionadas, em grande maioria, à guerra ganharam grande destaque pelo tom chamativo e palavras fortes que usavam para despertar sentimento dos leitores, como; “Quando eu morrer vou para o céu: o inferno é aqui”, “Vimos os americanos tombar de esgotamento”, “Entre trezentos mortos, um menino”. As manchetes chamativas sempre eram compostas por uma fotografia que destacava ainda mais o tema.

Portanto, na cobertura da revista, realizada por seu próprio correspondente ajudou as pessoas a entender a guerra e o que estava por trás do conflito, o que na época era de extrema importância para a opinião pública brasileira. As fotografias e relatos destacadas em suas páginas possibilitaram ao leitor uma maneira diferente de enxergar a Guerra do Vietnã.

Conclusão

O espaço que a Revista Realidade reservou em suas páginas à Guerra do Vietnã criando uma editoria específica para falar sobre o assunto, como também a importância dada ao tema por meio de grandes reportagens, ajuda-nos a entender o papel social do jornalismo e a importância que tem a fotografia no processo de informação.

Na fotografia, o fotojornalista agrega a reportagem um caráter de verdade, de realidade. Ao mesmo tempo, as coberturas realizadas pela revista abriram novas perspectivas ao jornalismo brasileiro, que a partir desse acontecimento se mobilizou e passou a montar estratégias para a cobertura de grandes eventos internacionais, incluindo aí eventos esportivos, políticos e sociais.

A preocupação que a Realidade mostrou com a opinião pública também é de extrema importância, buscando sempre maneiras de levar a verdade de forma justa para o leitor, como mostrou a análise do momento em que o veículo recusou a proposta da Embaixada dos Estados Unidos e enviou seu correspondente por

conta própria para cobrir a guerra, já que os jornalistas que foram por conta própria puderam fazer uma cobertura com grande liberdade, podendo mostrar todos os lados do conflito.

Portanto, a análise mostrou também que o jornalismo teve grande liberdade de imprensa nesse período durante os conflitos do Vietnã, diferente de outros conflitos registrados na história da humanidade.

A cobertura da guerra mobilizou as pessoas pelo mundo, que tomaram conhecimento através do fotojornalismo daquilo que de fato acontecia na guerra. Como também no Brasil, através da cobertura da Realidade e da repercussão que a tragédia ocorrida com o fotógrafo da revista, a população pode “ler” as faces da guerra.

A possibilidade de leitura da guerra também se deu pelo cuidado que a Realidade mostrou através de suas reportagens com fotografias e textos descritivos daquilo que realmente aconteceu no Vietnã na época.

Referências

BIAGI, Orivaldo. **O imaginário e a guerra da imprensa**. São Paulo: Universidade Estadual de Campinas, 1996.

CVIIC, Stephen. **Guerra e Imprensa: um olhar crítico da cobertura da Guerra do Iraque**. São Paulo: Summus, 2003.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico**. Campinas: Papirus, 1994.

LIMA, Raphaella. **O new journalism: análise dos padrões do gênero jornalístico**. Belo Horizonte: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2016.

MACIEL, Marcelo; BONI, Paulo. **Discursos Fotográficos**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2006.

MESKO, Eduardo; GIROLETI, Filipe; HOFFELDER, Lucas. **Guerra do Vietnã**. Porto Alegre: Revista Materializando Conhecimentos, v. 6, 2015.

OGIER, Thierry; GOYZUETA, Verónica. **Guerra e Imprensa: um olhar crítico da cobertura da Guerra do Iraque**. São Paulo: Summus, 2003.

QUEIROZ, Tereza. **A narrativa do olhar: imagens do jornalismo**. São Paulo: Êxodos, 2000.

SANTOS, Heloisa. **Jornalismo e Fotojornalismo de guerra: a visão dos conflitos por mulheres jornalistas**. São Paulo: CESUMAR, 2015.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista**. São Paulo: Contexto, 2003.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SOUSA, Jorge. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental**. Florianópolis: Editora Letras Contemporâneas, 2004.

TOZETTO, Mariana. **A cobertura dos problemas sociais brasileiros: uma análise da Revista Realidade de 1966-1971**. Paraná: Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2015.

Sobre os autores

Alessandra Francieli Weiler Graduada em Comunicação Social Hab. Jornalismo- UFSM/FW – RS- Email: comunicacao.alessandra@gmail.com

Ana Beatriz Leite de Souzam Graduação em Jornalismo pela Universidade Federal do Ceará; E-mail para contato: anabmilk@gmail.com

Ana Carolina Rocha Pessoa Temer Professora do Curso de Jornalismo e do Programa de Pós-graduação da Faculdade de Informação e Comunicação- FIC, da Universidade Federal de Goiás. Pós-doutora em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Doutora e mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo. Diretora Regional Centro Oeste da Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Coordenadora do GT Estudos de Periodismo da ALAIC – Asociación Latinoamericana de Investigadores de La Comunicación. e-mail: anacarolina.temer@gmail.com

Aniele Uhlmann Spinosa Graduação em Relações Públicas pela Universidade Pontifícia Universidade Católica do Paraná – Curitiba (PUCPR); Curitiba- Paraná; E-mail para contato: anispinosa@icloud.com

Antonio Carlos Persegani Florenzano Mestrando em Comunicação e Linguagens, pela Universidade Tuiuti do Paraná e pesquisador no GP Jor XXI (PPGCOM – UTP). Membro do GP JOR XXI da UTP. Taxista PROSUP/CAPES, e-mail: abonico@gmail.com.

Carla Montuori Fernandes Professor da Universidade Paulista (UNIP); Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura das Mídias da Universidade Paulista (UNIP); Mestre em Comunicação e Cultura das Mídias pela Universidade Paulista (UNIP); Doutora em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP); Pós-doutora em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP); E-mail: carla_montuori@ig.com.br

Carlos Alberto de Souza Doutor em Ciência Humanas (Interdisciplinar) pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC (2005), Mestre em Comunicação Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul -UFRGS (1999) e graduado em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (1983). Especialista em Psicologia da Comunicação (UFSC) e em Comunicação Social - Universidade do Vale do Itajaí. Atualmente é professor Adjunto do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa - PR

e atua como coordenador do Grupo Foca Foto e Foto&Tec, além de trabalhar no Projeto de extensão Ade (Televisão) do Departamento de Jornalismo. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Fotojornalismo, Jornalismo, Rádio e Editoração, atuando principalmente nos seguintes temas: jornalismo, fotojornalismo, comunicação, educação a distância, ensino e pesquisa. Atualmente tem se dedicado ao estudo da imagem (estática e em movimento) por meio do Grupo de Pesquisa Interart. Autor dos livros: - O Fundo do Espelho é Outro: Quem liga a RBS liga a Globo (1999) - Telejornalismo e Morte: a interdição do ver no noticiário televisivo (2008) - Coleção Mídias contemporâneas e Imagética (organizador) - Organizador dos livros: Impressão de Jornalista (volumes I, II e III), Coleção Imagética (v. I e II) e Coleção Mídias Contemporâneas (Volumes I e II)

César Maia Graduação em Ciências Sociais pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS; Mestrado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP; Doutorando em Sociologia na Universidade da Beira Interior – UBI; E-mail para contato: cesarpmm@hotmail.com

Christinny Matos Garibaldi Pires Graduada em Jornalismo pela Universidade Federal de Juiz de Fora; Bolsista do Programa de Educação Tutorial da Faculdade de Comunicação da UFJF (PET - Facom) X; E-mail para contato: christinnyg@gmail.com

Cristine Rahmeier Marquetto Doutoranda em Ciências da Comunicação pela Unisinos, e Mestra em Processos e Manifestações Culturais na Universidade FEEVALE (2015). Possui graduação em Comunicação Social - Habilitação em Relações Públicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2010). Trabalha na área de produção cultural, elaborando projetos para leis de incentivo e se envolvendo com políticas públicas de cultura. Também atuou como docente na instituição SENAC, em Canoas/RS, lecionando sobre cultura, comunicação, planejamento, eventos, projetos, produção, dicção e oratória. O foco de suas pesquisas tem sido a comunicação e os estudos culturais, tendo interesse nas áreas de democracia social e cultural, políticas públicas e educação.

Daniel Rodrigo de Freitas Apolinário Analista da Embrapa Informática Agropecuária; Graduação em Ciência da Computação pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP; E-mail para contato: daniel.apolinario@embrapa.br

Daniele Iachecen Graduação em Relações Públicas pela Universidade Pontifícia Universidade Católica do Paraná – Curitiba (PUCPR); Curitiba- Paraná; E-mail para contato: daniele.iachecen@gmail.com

Diego dos Santos Barbosa Graduação em Jornalismo pela Universidade Federal do Ceará; E-mail para contato: diegosbarbosa95@hotmail.com

Dirceu Martins Alves Professor da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Ilhéus – Bahia. Membro do corpo docente do Departamento de Letras e Artes, atuando no Curso de Graduação em Comunicação Social – Rádio e TV. Graduação em Licenciatura Plena em Letras pelas Faculdades Metropolitanas Unidas, FMU, Brasil. 1992. Graduação em Licenciatura Plena em Letras pela Universidade Estadual Paulista, UNESP, Brasil. 1996. Mestrado em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, Brasil. 2004. Doutorado em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PCSP, Brasil. 2010. Líder do grupo de pesquisa Comunicação, Mídia, Cultura, Tradição e traduções (ComMídiaCult/UESC/CNPq). Membro do grupo de Pesquisa Comunicação e Cultura: Barroco e Mestiçagem, da PUC-SP/CNPq. (Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica). E-mail: dirceumalvez@gmail.com

Doraci Masiero Jacobus Graduação em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos); Mestranda em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Grupo de pesquisa: Laboratório de Edição, Cultura e Design (LEAD)/CNPq; E-mail para contato: dmjacobus@uol.com.br

Edson Capoano: Professor pesquisador da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM) de São Paulo e da Universidade Presbiteriana Mackenzie; Membro do corpo docente do Programa de Mestrado Profissional em Produção Jornalística e Mercado da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM) de São Paulo; Graduação em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo; Mestrado em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo; Doutorado em Comunicação e Cultura pelo Programa de Integração da América Latina (PROLAM) da Universidade de São Paulo (USP); Grupo de Pesquisa: Lógicas e Modelos de Gestão em Jornalismo; E-mail para contato: edson.capoano@gmail.com

Fernanda Safira Soares Campos Graduação em Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT); Email: fsafirac@gmail.com

Fernando Augusto Carvalho Dineli da Costa Professor da Fundação Armando Alvarez Penteado – FAAP; Membro do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Marketing Digital da FAAP; Graduação

em Comunicação Social com Habilitação em Publicidade Propaganda pela FAAP; Mestrado em Comunicação pela Universidade Paulista; fernandodineli@gmail.com

Franco Iacomini Junior Doutorando do PPGCOM em Comunicação e Linguagens da Universidade Tuiuti do Paraná (UTP). Membro do GP JORXXI da UTP, e-mail:fiacomini@gmail.com.

Genira Correia Chagas Pesquisadora do Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP); Mestre em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP); Doutora em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP); E-mail: genirachagas@uol.com.br

Guaracy Carlos da Silveira Graduado em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda, pela Fundação Armando Álvarez Penteado. Mestrado em Comunicação Social – Comunicação Tecnológica e Científica, pela Universidade Metodista de São Paulo. Doutorando em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Grupos de Pesquisa: Convergência: Escola expandida, linguagens híbridas e diversidade. Bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. E-mail: guaracycarlos@gmail.com

Heloisa de Lima Gomes Graduação em Comunicação Social - Habilitação em Publicidade e Propaganda pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT); Email: heloisagomeslima@gmail.com

Ingrid Andressa de Almeida Querino Azevedo Graduada do 8º de período de Jornalismo na Universidade Federal de Alagoas (UFAL); Bolsista do grupo de pesquisa “Panorama da programação televisiva em Alagoas”. ingrid.azevedo9@gmail.com

Isabelle Loureiro Graduada em Comunicação Social Jornalismo pelo Centro Universitário Augusto Motta. E-mail para contato: bellelouireot@gmail.com

Jenifer Santos Souza Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP); São Paulo – SP; Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP, 2015) com bolsa CNPq. Cientista social pela mesma instituição (UNIFESP, 2012). É professora de sociologia na rede estadual, (Escola Estadual Padre Anchieta - SP) desde 2012, tendo experiência com as disciplinas de sociologia, história e filosofia. Além da atuação acadêmica, tem experiência profissional com o terceiro setor (ONGs). E-mail: jenifersouza@gmail.com

João dos Santos Vila da Silva Pesquisador da Embrapa Informática Agropecuária; Graduação em Licenciatura em Ciências – Habilitação em Matemática pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS; Mestrado em Sensoriamento Remoto pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais – INPE; Doutorado em Engenharia Agrícola pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP; E-mail para contato: joao.vila@embrapa.br

Jonas Gonçalves: Graduação em Jornalismo pela Faculdade Cásper Líbero;- Mestrado em Produção Jornalística e Mercado pela Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM) de São Paulo;- Grupo de Pesquisa: Lógicas e Modelos de Gestão em Jornalismo; E-mail para contato: jonasgoncalves@gmail.com

Karime Kamel Graduação em Publicidade e Propaganda pela Universidade Tuiuti do Paraná; Mestranda em Comunicação e Linguagens pela Universidade Tuiuti do Paraná; Pesquisadora no Grupo de Pesquisa INCOM - Interações Comunicacionais, Imagens e Culturas Digitais (PPGCOM-UTP). Pós graduada em Marketing e Negócios pela Universidade Tuiuti do Paraná; Pós Graduada em Gestão de Pessoas pela UNINTER; E-mail para contato: karimekamel@icloud.com

Kelly Balbino Graduação em Relações Públicas pela Universidade Pontifícia Universidade Católica do Paraná – Curitiba (PUCPR); Curitiba- Paraná; E-mail para contato: kellyfernandarp@gmail.com

Laíz Silveira Mestre em Jornalismo na Universidade Federal da Paraíba. Especialista em Telejornalismo pela Faculdade de Ensino Superior da Paraíba. Professora substituta de Relações Públicas da UFPB. Email: laizfederal@hotmail.com

Leonardo Rodrigues Corrêa Graduação em Comunicação Social - Habilitação em Publicidade e Propaganda pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT); Leonardo.rc.correa@gmail.com

Lilian Saback de Sá Moraes Professora do Depto de Comunicação Social da PUC-Rio; Mestrado em Comunicação pela PUC-Rio; Doutorado em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação da UFRJ (Brasil) e pelo CIES do ISCTE-IUL (Portugal); Pós-doutorado pela PUC Minas (em andamento); Integrante do grupo de pesquisa Teorias do Jornalismo e Experiências Profissionais/CNPq da PUC-Rio e pesquisadora do Laboratório de Estudos em Comunicação Comunitária (LECC) da ECO/UFRJ; E-mail: liliansaback@puc-rio.br

Luciane Volpatto Rodrigues Graduada em Comunicação Social Hab. Jornalismo- UFSM/FW – RS; Pós-graduanda em Comunicação e Marketing pela Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU); Email: lucianevr@yahoo.com.br

Luiza Teixeira do Nascimento Graduação em Comunicação Social – Jornalismo pelo Centro Universitário de Volta Redonda - UniFOA; Luiza_vr@hotmail.com

Maíra Bittencourt Professora da Universidade Federal de Rondônia; Membro do corpo docente do Departamento de Jornalismo da Universidade Federal de Rondônia; Graduação em Comunicação Social pela Universidade Católica de Pelotas – UCPEL; Mestrado em Ciências da Comunicação pela Universidade do vale do Rio dos Sinos – UNISINOS; Doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo – USP; Pós Doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade da beira Interior – UBI; Líder do Grupo de pesquisa em Linguagens e Práticas Jornalísticas – LIPJOR; E-mail para contato: maira_bittencourt@hotmail.com

Márcia Izabel Fugisawa Souza Analista da Embrapa Informática Agropecuária Graduação em Biblioteconomia pela Universidade Estadual de Londrina - UEL- Mestrado em Planejamento e Administração de Bibliotecas pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas – PUCAMP. Doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP; E-mail para contato: marcia.fugisawa@embrapa.br

Marcio Bico Bacharel em Direito e Jornalismo pela Universidade Paulista (UNIP); Mestre em Comunicação e Cultura das Mídias pela Universidade Paulista (UNIP); Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura das Mídias da Universidade Paulista (UNIP); E-mail: marciobico@hotmail.com

Maria Salett Tauk Santos Professora Titular da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Docente do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local (Posmex/UFRPE) e do Programa de Pós Graduação em Consumo, Cotidiano e Desenvolvimento Social (PGDCS-UFRPE). Coordenadora do Núcleo de Pesquisa Comunicação, Tecnologia e Culturas Populares (POSMEX). Membro da equipe de Coordenação do Observatório de Extensão Rural - OBSERVATER, da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Pesquisadora membro da ORCID. Possui graduação em Jornalismo pela Universidade Católica de Pernambuco (1971), Mestrado em Administração Rural e Comunicação Rural pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (1982) e Doutorado em Ciências da Comunicação pela

Universidade de São Paulo (1994). Autora, entre outras obras, dos livros: Comunicação para o Desenvolvimento: redes da memória. 1. ed. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 2016; Extensão Rural - Extensão Pesqueira: estratégias de comunicação para o desenvolvimento. 2a. ed. Recife: Fundação Antonio de Souza Abranches - FASA, 2014. 693p (Parceria com o Prof. Brás Callou); Inclusão Digital, Inclusão Social?: usos das tecnologias da informação e comunicação nas culturas populares. 1. ed. Recife: Edições Bagaço, 2009. v. 1. 256p.

Mirian Magalhães Jornalista e professora no Centro Universitário Augusto Motta. Possui Mestrado em Tecnologia pelo CEFET/RJ, é Especialista em Gestão Estratégica em EAD e se graduou em Jornalismo em 1987 pela UGF. E-mail para contato: mirianmmm@yahoo.com.br

Moisés Cardoso Doutorando do PPGCOM em Comunicação e Linguagens da Universidade Tuiuti do Paraná (UTP). Membro do GP JORXXI da UTP, e-mail: beiocardoso@gmail.com.

Nadir Rodrigues Pereira Analista da Embrapa Informática Agropecuária; Graduação em Comunicação Social – Jornalismo pela Faculdades Integradas Alcântara Machado – FIAM; Mestrado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP; E-mail para contato: nadir.rodrigues@embrapa.br

Patrícia De Andrade Mestrando em Comunicação e Linguagens, pela Universidade Tuiuti do Paraná e pesquisador no GP Jor XXI (PPGCOM – UTP). Membro do GP JORXXI da UTP, e-mail: pathy_segatta@hotmail.com

Pedro Pinto de Oliveira Professor da Faculdade de Comunicação e Artes da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT); Mestrado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP); Doutorado em Comunicação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Pós Doutorado em Comunicação e Artes pela Universidade da Beira Interior (UBI) – Portugal; Email: ppo@terra.com.br

Rhanica Evelise Toledo Coutinho Professor do Centro Universitário de Volta Redonda - UniFOA; Membro do corpo docente do Programa de Pós-Graduação do Centro Universitário de Volta Redonda - UniFOA; Graduação em Comunicação Social com Habilitação em Publicidade e Propaganda pelo Centro Universitário de Barra Mansa-UBM; Mestrado Profissional em Ciências da Saúde e do Meio Ambiente pelo Centro Universitário de Volta Redonda - UniFOA; Doutoranda em Ciências da Educação pela Universidade Trás-os-Montes e Alto D'ouro-UTAD (Portugal); Pesquisadora colaboradora LAGERES - Laboratório de

Estudo e Pesquisa na/para a Formação de Professores - CNPq (2010-2018)

Rubia Steffens Graduada em Comunicação Social Hab. Jornalismo- UFSM/FW – RS; Email: biasteffens@gmail.com

Selma Regina Ramalho Conte Bibliotecária Documentalista no Sistema de Bibliotecas (SiBi) da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Graduada em Biblioteconomia e Documentação pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Mestre em Comunicação e Linguagens pela Universidade Tuiuti do Paraná (UTP). Coordenadora do Programa de Gestão do Conhecimento (PGC) do Sistema de Bibliotecas (SiBi) da Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: selmaconte@gmail.com

Tárcila Driely de Souza Cabral Graduada em Jornalismo, curso inserido no Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes (ICHCA), da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Bolsista de Fomento Científico, Tecnológico e Extensão Inovadora – Desenvolvimento Institucional da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas (Fapeal). tarciladriely@gmail.com tarcila.cabral@fapeal.br

Tarcis Prado Junior Doutorando do PPGCOM em Comunicação e Linguagens da Universidade Tuiuti do Paraná (UTP). Membro do GP JORXXI da UTP, e-mail: tarcisjr@yahoo.com.br.

Tarcísio de Sá Cardoso Universidade Federal da Bahia (UFBA)- Salvador – BA; Professor adjunto do Departamento de Comunicação da UFBA. Doutor em Tecnologias da Inteligência e Design Digital (TIDD) pela PUC-SP com bolsa CAPES (2015). Mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP com bolsa CNPq (2010). Desenhista Industrial pela UFBA (2006). Membro do grupo de pesquisa TransObjeto (CNPq). Desenvolve pesquisas interdisciplinares com interesse nos trabalhos de Charles S. Peirce e de Bruno Latour. Possui experiência de docência em cursos superiores na área de Comunicação e Filosofia desde 2010, com ênfase em Teorias da Comunicação, Semiótica, Teorias da cibercultura. e-mail: tcardoso@ufba.br

Tatiane dos Santos Pacheco Graduação em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Maria. Pós-Graduada em Gestão Estratégica de Pessoas da Uceff Faculdades. Email para contato: tatianne_pacheco@hotmail.com

Tatiane Milani Graduação em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Maria. Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do

Rio dos Sinos – Unisinos São Leopoldo/RS. Bolsista Capes/
PROEX Taxa. Email para contato: tatimilani10@gmail.com

Tércia Zavaglia Torres Analista da Embrapa Informática Agropecuária Graduação em Administração de Empresas pela Faculdades Integradas da Católica de Brasília – FICB; Mestrado em Educação pela Universidade Federal de São Carlos – UFSCAR; Doutorado em Educação pela Universidade Federal de São Carlos – UFSCAR; E-mail para contato: tercia.torres@embrapa.br

Valdecir Becker Orientador do trabalho. Jornalista, mestre em Engenharia e Gestão do Conhecimento (2006,UFSC) e doutor em Ciências (Engenharia Elétrica, 2011, USP). Professor no Centro de Informática e nos Programas de Pós-graduação em Jornalismo e Pós-Graduação em Computação, Comunicação e Artes, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). valdecir@ci.ufpb.br

Verônica Scheifer Graduação em andamento em Jornalismo- Universidade Estadual de Ponta Grossa, UEPG, Brasil.

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-93243-91-2



9 788593 243912